

VV = Vizinhança Versus Voluntariado? *Neighbourhood versus volunteering*

Fernanda Freitas*

Há mais de dois anos, vários voluntários da cidade do Porto têm como missão ser *vizinhos*.

Com o papel de Sentinelas de Rua, circulam por algumas zonas da cidade invicta e estão atentos às populações mais vulneráveis, sobretudo idosos em situação de solidão. Este projecto visa agora transformar-se num verdadeiro Laboratório Social, através da criação de "Casas dos vizinhos" - um local onde as pessoas podem passar tempo juntas, recuperando assim uma tradição que se perdeu no emaranhado urbano.

Este projecto de cidadania participativa, que surgiu na sequência do trabalho da Associação Filos, é sintomático da sociedade que estamos a construir e a deixar para os nossos filhos.

Crescemos nas cidades, e cada vez mais dentro das nossas casas; não deixamos as crianças sair à rua para brincar, os nossos contactos são feitos maioritariamente em meio laboral, os horários de trabalho não deixam muito tempo para o convívio entre amigos e muito menos entre "simples" vizinhos. O *online* veio substituir os laços de antigamente que não surgem com a facilidade de outrora.

Lembro-me ainda dos serões em casa da vizinha, ou da vizinha em nossa casa; com os miúdos atrás, as famílias "mudavam-se" para a casa do lado, normalmente no período a seguir ao jantar. Tomava-se o café, discutiam-se os assuntos do dia. Voltava-se a casa meia hora depois, mas sabíamos que no dia seguinte ou depois, o encontro acontecia de novo, com outra ou até a mesma vizinha.

Nunca faltava sal, nem ovos, mas, sobretudo, jamais faltava a certeza de que, se acontecesse alguma coisa, a vizinhança estava lá para ajudar.

Quando rachei a cabeça, foram os vizinhos que tomaram conta dos meus irmãos para que a minha mãe me pudesse acompanhar ao hospital; quando a minha avó ficou doente, era a vizinha de baixo quem tratava de assegurar que estava tudo bem até a família chegar; quando casava alguém, os vizinhos encarregavam-se de arranjar o arroz para desejar felicidade aos noivos.

* Jornalista e Presidente Nacional do Ano Europeu do Voluntariado 2011 / Journalist and National President of the European Year of Volunteering 2011 (fernandafreitas@aeiou.pt).

Agora, em condomínios e prédios impessoais, já não temos nome; somos o número da porta. Somos o vizinho do oitavo ou do rés-do-chão.

E mesmo em zonas com pouca gente, continuam a existir situações de abandono e solidão de idosos.

Estas dinâmicas de proximidade, em que se articulam as instituições, os serviços e o voluntariado, procuram preencher essa lacuna.

Se todos tivéssemos mantido a tradição da boa vizinhança, o trabalho do voluntariado seria desnecessário, neste contexto específico? Penso que não.

Ao longo de 2011, Ano Europeu do Voluntariado, tenho percorrido vários locais do país e observado como, em zonas mais pequenas e onde a vizinhança ainda se preocupa, o voluntariado continua a ser uma mais-valia.

São vizinhos. São voluntários. São pessoas que não ficam indiferentes.

Recordo a história de uma senhora que, depois de enviudar, deixou praticamente de sair de casa. Primeiro por luto, depois por hábito... Um dia, numa ida à farmácia, ouviu falar de um vizinho que estava doente e com pouca possibilidade de se movimentar.

Decidiu levar-lhe os remédios a casa. A seguir começou a fazer as compras semanais – já a pensar na despensa desse vizinho. Ao fim de poucos meses, percebeu que podia fazer a diferença, não apenas na vida daquele vizinho mas na de outros. Inscreveu-se numa formação e agora é voluntária. Como a própria afirma: *“eu já era voluntária antes de o ser...”* – era uma boa vizinha.

O Diagnóstico Social do Porto, elaborado pela Universidade Católica, em 2010, descreve o Porto como um concelho *“que apresenta um índice de envelhecimento muito superior à média nacional”*, e onde *“as pessoas idosas estão entre os grupos humanos mais vulneráveis e carentes de atenção, no que se refere ao acesso a condições de habitação condigna, de saúde, de segurança e de cuidados sociais”* para além de salientar ainda que *“o risco de pobreza das pessoas idosas é de 26 por cento, significativamente acima da taxa global de 18 por cento”*.

Dos três milhões de idosos que vivem no nosso país, nem todos estão nesta condição de altíssima vulnerabilidade, que só parece ser visível quando chega até nós sob a forma chocante de cadáveres descobertos, após anos de alheamento por parte de familiares ou vizinhos.

Essas imagens abalaram as nossas consciências, porque, em última análise, todos nos sentimos envergonhados, culpados daquilo em que nos tornámos. E houve quem tomasse providências para evitar a repetição desses acontecimentos, reunindo os vizinhos, os donos dos cafés, das mercearias e da farmácia, fazendo uma “escala” de telefonemas ou visitas aos que vivem sozinhos. Porque só assim temos a percepção de como está o outro – sobretudo se falamos de uma população que não tem acesso a novas tecnologias (por vezes a qualquer tecnologia!). *E por que não colocar no seu mural de Facebook ou no Twitter, “o que está a sentir”?*

O que esta rede de vizinhança contemporânea e urbana pretende fazer é reordenar socialmente as ruas, os bairros, as freguesias e, quiçá, o país. É ter interesse pela pessoa que partilha o mesmo elevador ou as mesmas escadas, sem que isso queira significar invasão da privacidade de terceiros.

No fundo, é o que fazemos quase diariamente nas redes sociais; o desafio é dar corpo a esse interesse.

É transformar cada voluntário num vizinho, mas também cada vizinho num voluntário.

No fundo, deixar apenas de usar o nosso indicador para clicar num “Gosto” e utilizá-lo na campanha do vizinho.